

## A INTERTEXTUALIDADE COMO MOTIVO CENTRAL NO ARTIGO DE LUIZ FELIPE PONDÉ

Ana Cláudia FERREIRA DA SILVEIRA<sup>14</sup>

Maria Flávia FIGUEIREDO<sup>15</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva apresentar uma análise dos procedimentos retórico-argumentativos empregados pelo filósofo Luiz Felipe Pondé em seus artigos. Por meio da análise, procurar-se-á identificar o motivo central do texto. Além disso, verificar-se-á de que forma os elementos retóricos (*ethos* e *logos*) atuam na construção e caracterização do artigo. A fim de proceder à análise, foi selecionado o artigo intitulado “Esperança do mundo”. Para tanto, como referencial teórico, foram adotados os seguintes autores: Aristóteles (2012); Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005); Reboul (2004); Meyer (1998, 2007) e Melo (2003).

**Palavras-chave:** Argumentação e retórica. Artigo de opinião jornalístico. Intertextualidade. Luiz Felipe Pondé.

**Resumen:** *En este artículo se presenta un análisis de los procedimientos retórico-argumentativo empleados por el filósofo Luiz Felipe Pondé en sus artículos. A través del análisis se realizará para identificar lo motivo central del texto. Además, será comprobar cómo los elementos retóricos (ethos y logos) trabajan en la construcción y caracterización del artículo. Con el fin de examinar, fue seleccionado el artículo titulado "A esperança do mundo". Por lo tanto, como referente teórico, los siguientes autores han sido adoptados: Aristóteles (2012); Perelman y Olbrechts-Tyteca (2005); Reboul (2004); Meyer (1998, 2007) y Melo (2003).*

**Palabras-clave:** *Argumentación y retórica. Artículo de opinión periodístico. Intertextualidad. Luiz Felipe Pondé.*

---

<sup>14</sup> Mestre em Linguística. Universidade de Franca (UNIFRAN). Franca-SP, Brasil. anafdasilveira@yahoo.com.br.

<sup>15</sup> Doutora em Linguística pela Unesp de Araraquara. Docente permanente do Departamento de Linguística da Universidade de Franca (UNIFRAN). Franca-SP, Brasil. mariaflaviafigueiredo@yahoo.com.br.

## **Introdução**

Reboul (2004) afirma que diante de um texto é sempre útil fazer a seguinte pergunta: há um motivo central, ou seja, um procedimento retórico que sirva como um princípio organizador para o texto? Ele mesmo responde que tal princípio organizador pode ser uma figura ou um argumento, por exemplo. E prossegue comentando: “é certo que não se pode distinguir um motivo central em todos os textos, mas é útil procurar um, porque, encontrando-o, encontramos logo a unidade viva do discurso” (REBOUL, 2004, p. 158). Sendo assim, intencionamos, por meio da recorrência de determinada técnica argumentativa, verificar se há algum motivo central no artigo de Luiz Felipe Pondé. Ademais, buscaremos verificar como as três provas retóricas (*ethos*, *pathos* e *logos*) atuam no gênero selecionado.

## **Retórica e o Jornalismo de opinião**

A retórica é a arte de persuadir pelo discurso. Eis a definição proposta por Reboul (2004) à arte sistematizada por Aristóteles na antiga Grécia. Desde os tempos antigos os homens tiveram a necessidade de, por meio da palavra, alcançar seus objetivos, obter a adesão de suas ideias. As necessidades básicas não mudaram, e o terreno fértil para fazer florescer a retórica permanece o mesmo: a democracia. Neste sistema político, temos a plena liberdade de emitir opiniões, temos o direito à palavra.

Assim como nós, individualmente, os meios de comunicação também têm o direito de explicitar seus posicionamentos. O jornalismo de opinião, especialmente o artigo, fornece, aos que dele fazem uso, a oportunidade de expressar seu ponto de vista de forma clara e de sustentar sua tese a fim de obter a adesão do auditório. Temas polêmicos são postos e discutidos diante do leitor, e a retórica encontra aí seu espaço de atuação. Ora, por provocar ou aumentar a adesão do auditório às teses apresentadas pelo orador, temos o processo persuasivo. “Portanto, a retórica diz respeito ao discurso persuasivo, ou ao que um discurso tem de persuasivo” (REBOUL, 2004, p. XV).

Invariavelmente, o artigo de opinião jornalístico discute questões polêmicas. A partir de um tema atual, desenvolve-se uma discussão mais profunda. A retórica existe onde há uma

questão a ser debatida, ou seja, com a racionalidade retórica<sup>16</sup> podemos deliberar sobre questões controvertidas, o que constitui um dos pilares do filosofar, pois este vive do diálogo, da polêmica; dificilmente temos uma situação ideal, onde se poderia deduzir com um *calculus ratiocinator*. Há domínios como o direito, a literatura, a moral, a arte, a religião, a poesia que não podem ser pensados senão pela racionalidade retórica (ROHDEN, 2010). Por conseguinte, “a retórica atua no interior do discurso polêmico: aquele em que duas ou mais pessoas ou facções emitem opiniões discordantes” (FERREIRA, 2010, p. 98). Assim, conhecendo a pluralidade das opiniões, o orador/articulista procura reduzir a distância<sup>17</sup> entre ele e o seu auditório; para tanto, utiliza técnicas argumentativas e mecanismos retóricos que possam corroborar sua tese e aproximá-lo do leitor.

A fim de persuadir o auditório, o orador lança mão de provas, ou seja, de argumentos e meios que possibilitem tal intento. Além das provas racionais referentes ao próprio discurso (ou *logos*), há as provas de ordem afetiva: ora serão centradas no auditório (*pathos*), ora no orador (*ethos*). A prova relativa ao *pathos* diz respeito às diferentes paixões despertadas no auditório; o *ethos* refere-se à imagem que o orador constrói de si mesmo por meio do discurso. Tais provas são articuladas conforme a conveniência argumentativa, bem como as intenções do orador. Após as considerações feitas acima, passemos à breve reflexão acerca da intertextualidade – um dos possíveis recursos utilizados com vistas à construção do discurso argumentativo.

### **A intertextualidade**

O conceito de intertextualidade surgiu no interior dos estudos literários por meio da autora Julia Kristeva (1974 apud CAVALCANTE, 2013). Para Kristeva, todo texto é um mosaico de citações advindas de outros textos. A fim de afirmar seus postulados, a autora se apoiava nos estudos bakhtinianos acerca do dialogismo – segundo o qual qualquer enunciado é resposta a outro enunciado anterior e, por sua vez, possibilita o surgimento de outros

---

<sup>16</sup> Rohden (2010, p. 34) explica que Aristóteles distingue duas racionalidades: “empírico-dialética” e “científico-apodítica”; ele defende o sentido e a importância de ambas para o âmbito filosófico. A racionalidade retórica (pertencente à racionalidade empírico-dialética) tem como campo próprio a verossimilhança.

<sup>17</sup> A esse respeito, Meyer (1998, p. 27) afirma que “a retórica é a negociação da distância entre os homens a propósito de uma questão, de um problema”.

enunciados. Sendo assim, é constitutiva a relação que um texto mantém com o outro. Conforme Cavalcante (2013), em muitos tempos, é possível perceber indícios visíveis da relação entre textos, “desde evidências tipográficas, que demarcam fronteiras bem específicas entre um dado texto e algum outro que esteja sendo evocado, até pistas mais sutis que conduzem o leitor à ligação intertextual por meio de inferências” (CAVALCANTE, 2013, p. 146).

Posteriormente, outros estudiosos propuseram outras perspectivas sobre o diálogo entre os textos. Dentre os estudiosos, tem-se Piègay-Gros (1996 apud CAVALCANTE, 2013). Sua proposta pode ser resumida da seguinte forma:

As Relações intertextuais subdividem-se em Relações de copresença e Relações de derivação<sup>18</sup>. As Relações intertextuais por copresença são aquelas onde é possível verificar a presença de fragmentos de textos advindos de outros textos. Genette (1982 apud CAVALCANTE, 2013) aponta formas de intertextualidade por copresença: a *citação* e a *alusão*. A essas formas, Piègay-Gros (1996 apud CAVALCANTE, 2013) acrescentou o subtipo denominado de *referência*.

A *citação* é o tipo de intertextualidade mais marcada por sinais tipográficos diversos que demarcam a fronteira entre o trecho citado e o texto em que ela se localizará. O uso da citação revela também um recurso à autoridade. Recorre-se à palavra especializada a fim de fundamentar o que está sendo dito, garantindo, assim, maior credibilidade aos argumentos.

Vale lembrar, segundo Cavalcante (2013), que a citação nem sempre vem demarcada por traços visíveis por meio de evidências tipográficas; o fato de não as haver, não significa que não haja a citação. Nesse caso, o autor parte do pressuposto de que seu leitor já reconheça, de antemão, os trechos pertencentes a um outro texto. O autor considera que o leitor terá condições de recuperar o intertexto – geralmente reconhecível por advir de um contexto cultural comum.

A *referência* diz respeito ao processo de remissão a outro texto sem, para tanto, utilizar-se das citações. Ela pode ocorrer, por exemplo, por intermédio da nomeação do autor do intertexto, do título da obra, de personagens de obras literárias, de filmes etc.

---

<sup>18</sup> Para o propósito deste trabalho, será abordada apenas a Relação intertextual por copresença.

A *alusão* é uma espécie de referenciação indireta, uma retomada implícita, uma indicação para o coenunciador de que, pelas orientações postas no texto, ele deverá apelar à memória a fim de identificar o referente não dito. Diferentemente da referência, que apresenta marcas explícitas indicadoras do intertexto (nome do autor, título da obra, nomes de personagens), a alusão é mais implícita, ou seja, não apresenta marcas diretas e, assim, requer maior capacidade de inferência por parte do leitor. Nem sempre o leitor deterá as informações necessárias para a compreensão da alusão feita num determinado texto; contudo, o fato de não conseguir identificar não anula a presença da alusão. Certamente outros leitores conseguirão reconhecer os indícios intertextuais da alusão (CAVALCANTE, 2013).

Após breve explanação acerca dos tipos de intertextualidade por copresença, vale lembrar que o diálogo que um texto mantém com o outro pode assumir diversos posicionamentos, conforme posto por Reboul (2004, p. 157): “Todo discurso responde a uma pergunta, admitiremos que ele sempre replica – explicitamente ou não – a outros discursos, seja apoiando-se neles, seja refutando-os, seja completando-os”. A forma como cada autor, num texto específico, manipula as citações, alusões ou referências, depende de seu objetivo argumentativo.

### **O artigo de opinião**

O artigo de opinião é comumente definido<sup>19</sup> como um gênero que objetiva expor um ponto de vista sobre um determinado tema (comportamento, religião, economia, política, ciência, etc.). O articulista, geralmente, é especialista nos temas tratados na coluna em questão. Os leitores leem tal coluna justamente para conhecerem a opinião e a avaliação de um especialista acerca de um tema dado (SILVEIRA, 2015). A significação maior do gênero está contida no ponto de vista exposto por alguém. Essa avaliação não está oculta, eventualmente dissimulada na argumentação, mas apresenta-se de forma clara e explícita. A opinião ali emitida vincula-se à assinatura do autor; o leitor a procura exatamente para saber

---

<sup>19</sup> O dicionário de gêneros textuais assim define o artigo de opinião: publicado “num jornal, revista ou periódico; texto de opinião dissertativo ou expositivo ou interpretativo, que forma um corpo distinto na publicação, trazendo a interpretação do autor sobre um fato ou tema variado. Desenvolve explícita ou implicitamente, uma opinião sobre o assunto, com um fecho conclusivo, a partir da exposição das ideias ou da argumentação/refutação construídas” (COSTA, 2009, p. 40-41).

como o articulista (em geral personalidade destacada) pensa e reage diante de uma cena atual (MELO, 1985).

Rodrigues (2003) afirma que o articulista assume o *ethos* da competência social e discursiva, angariada pela sua circulação na mídia e pela função profissional exercida. O reconhecimento social atribui credibilidade ao articulista, ao que ele diz, ao seu ponto de vista, à sua opinião. A própria posição prestigiada do autor enquanto especialista e colunista reconhecido socialmente confere a ele o *ethos* de autoridade. Embora a autoria no artigo seja um argumento de autoridade, a orientação apreciativa do articulista não se constrói isoladamente, *mas se entrelaça com outras posições discursivas*, isto é, mantém relações dialógicas com enunciados já ditos. Aliás, segundo Bakhtin (1997), todo gênero é dialógico porque o dialogismo é constitutivo da linguagem. A posição do autor vai se formando pelo modo como incorpora e trata as diversas vozes reunidas no seu enunciado; vale lembrar que tais vozes recebem diferentes valorações: ora são avaliadas positivamente, cooperando na construção do ponto de vista do autor, ora são desqualificadas e opostas à tese defendida.

Nesse sentido, propomos a análise de um artigo com vistas à identificação do motivo central do texto selecionado, tomando como referencial as considerações supracitadas.

### **Análise: “Esperança do mundo”**

O artigo selecionado para análise intitula-se “Esperança do mundo”, escrito pelo articulista Luiz Felipe Pondé e publicado no dia 12 de maio de 2014 no Jornal *Folha de S.Paulo*.

O título do artigo, a saber, “Esperança do mundo”, remete-nos, de antemão, a algumas possibilidades temáticas do âmbito filosófico. Somos impelidos a ler o texto porque o articulista é filósofo, ou seja, especialista no assunto discutido. Vale lembrar que as credenciais do articulista são expostas na mesma página em que é publicado o artigo. A respeito disso, Borges e Mesquita (2011, p. 3) reiteram que “o jornal tem como critério a especialidade do produtor, pois, por ela, se tem a voz de alguém autorizado a falar sobre determinado assunto, o que dificilmente será refutado pelo(s) leitor(es) que não possui(em) o mesmo conhecimento específico do articulista”. Assim, a própria competência do articulista/especialista acerca do tema em discussão, já é, a princípio, um argumento de

autoridade. Percebemos, então, o *ethos* de autoridade como prova retórica que contribui para o propósito argumentativo.

No exórdio, isto é, no início do discurso, pode-se visualizar a citação da fala de uma personagem do filme *Tender Mercies*, vejamos: “*Nunca confiei na felicidade*”. A fala da personagem inserida num texto que tem como título “Esperança do mundo”, direciona o auditório a uma determinada tese que será defendida pelo autor. Nesse sentido, é revelado seu provável posicionamento frente ao tema que terá o seu desenvolvimento ao longo da narração (parte subsequente ao exórdio).

*“Nunca confiei na felicidade”, diz o personagem de Robert Duvall no filme “Tender Mercies” (“A Força do Carinho”, título brasileiro bem infeliz para o filme), papel com o qual ganhou o Oscar de melhor ator em 1983.*

Acerca do papel das citações durante o processo argumentativo, Silva (2006) comenta que, visando confirmar o seu dizer, o orador traz as citações no interior da enunciação que constrói para legitimá-la. Seja pelo discurso direto ou indireto, os enunciadores reformulam o enunciado do outro para introduzi-lo nos seus discursos, de acordo com o que se pretende. Além disso, ao explicitar que o ator ganhou o *Oscar* pelo personagem do filme, o orador fez uso do argumento de autoridade. Para um determinado auditório, o *Oscar* se constitui como uma autoridade nos assuntos relativos ao cinema. E, com a intenção de destacar seu argumento, o orador fez menção ao prêmio.

Dando prosseguimento ao texto, o autor revela a perspectiva que mantém acerca da política e, para fundamentar seu posicionamento, faz menção a Albert Camus – também filósofo. Vejamos:

*Mas da política trato apenas por obrigação profissional, porque, como diz Albert Camus nos seus “Cadernos” (o primeiro tem como título “Esperança do Mundo”), ouvindo aqueles que se dedicam à política, podemos apenas concluir que as pessoas se importam pouco com esta parte das suas vidas, uma vez que todos na política mentem.*

Identificamos, no excerto acima, a referência a *Albert Camus*. A fim de legitimar sua opinião, o orador traz ao seu discurso o dizer do outro, de uma autoridade que, invariavelmente, possui conhecimentos e contribuições advindas da mesma área em que transcorre a enunciação. Nesse caso, o filósofo Albert Camus é trazido ao texto por meio de sua citação publicada, a princípio, em um de seus cadernos. Aqui, identificamos, inclusive, a

autoria do título utilizado pelo articulista no artigo: “Esperança do mundo”. Nesse sentido, a intertextualidade, por meio da alusão, é verificada por intermédio do diálogo entre o título do Caderno *Esperança do Mundo*, escrito por Camus e do artigo (em análise), com o mesmo título, de Luiz Felipe Pondé. Além disso, ao trazer para o seu discurso a fala de Camus, o orador ressignifica o enunciado de acordo com sua intenção argumentativa.

Os enunciadores, ao selecionarem os argumentos de autoridade, o fazem consoante ao acordo prévio com o auditório. E para consagrar o seu dizer, citam essas autoridades no interior da enunciação que constroem para legitimá-la. [...] Seja pelo discurso direto ou indireto, os enunciadores reformulam o enunciado do outro para introduzi-lo nos seus discursos, de acordo com o que se deseja (SILVA, 2006, p. 70).

Ainda fazendo referência à política, o autor prossegue:

*Acrescentaria, além dos políticos profissionais, os intelectuais que a ela se voltam como redenção do mundo e forma de obrigar os outros a viverem de acordo com os delírios que alimentam em seus gabinetes. Enfim, no fundo, a política pouco me interessa. Trato-a assim como quem deve cuidar de uma ferida — do contrário ela se infectará.*

Além da crítica aos políticos, o orador se dirige criticamente aos intelectuais que se voltam à política como redenção do mundo. O orador seleciona o vocábulo “redenção” a fim de aludir ao cristianismo: os intelectuais, segundo o colunista, veem a política como forma de salvação do mundo. Ademais, percebem nela a oportunidade de induzir outros a segui-los em seus “delírios”. O orador prossegue demonstrando o seu desprezo com relação à política e conclui: *Trato-a assim como quem deve cuidar de uma ferida – do contrário ela se infectará.* A opção do orador por construir seu raciocínio através da *analogia* revela a intenção de promover a estrutura do real que, por meio da semelhança das relações, encontra e prova uma verdade (DAYOUB, 2004).

No próximo fragmento, a citação é novamente trazida ao texto por meio da fala de uma personagem a fim de corroborar o posicionamento do orador frente ao tema em discussão:

*Noutro filme, "Alabama Monroe" (2012), do diretor Felix van Groeningen, a personagem feminina Elise, interpretada por Veerle Baetens, diz algo semelhante ao final: "Sempre soube que tudo aquilo não podia durar, porque a felicidade sempre acaba".*

A intertextualidade é novamente manifestada por meio da citação. Uma vez que o autor a utiliza como um recurso argumentativo que visa reforçar suas ideias por meio das palavras de outras pessoas. Obviamente, ele seleciona citações que corroborem a tese defendida. Diferentemente da alusão, a citação expõe a fonte a qual se remete. Além disso, é marcada pelo uso de aspas separando a fala da pessoa citada com a fala do orador. E, mais uma vez, o texto citado, inserido num outro texto, adquire um novo significado.

No próximo parágrafo o autor continua:

*Pois se existem apenas "três ou quatro atitudes diante do mundo", como dizia em seu "Breviário da Decomposição" Emil Cioran, filósofo romeno indispensável para quem suspeita que os trágicos gregos são quem tem razão na filosofia, esta é a minha. E seguramente a dele. E também a de Camus.*

No início, o orador traz ao texto a citação do filósofo romeno Cioran. Além disso, faz referência à obra intitulada *Breviário da Decomposição*. A citação do filósofo, bem como a referência à sua obra, demonstram o uso de uma estratégia que visa à fundamentação do ponto de vista do orador. Ademais, há a preocupação em defender o argumento utilizado: *filósofo romeno indispensável para quem suspeita que os trágicos gregos são quem tem razão na filosofia*. É possível perceber um jogo onde ocorre a apreciação de um (Cioran) e a depreciação do outro (trágicos gregos). Ou seja, as vozes são avaliadas e mencionadas positiva ou negativamente consoante à tese defendida no transcorrer do processo retórico.

Dando continuidade, o orador, uma vez mais, invoca Emil Cioran.

*Na mesma obra, Cioran faz um diagnóstico preciso: "A obsessão pelos remédios marca o fim de uma civilização, e, pela salvação, o fim da filosofia".*

Neste fragmento, há a continuação da referência à obra e a inclusão de outra citação feita por Cioran. Conforme comentado no início desta análise, o tema apresentado pertence ao universo filosófico, sendo assim, trazer ao discurso uma personalidade destacada nessa mesma esfera, isto é, invocar um filósofo reconhecido universalmente, atribui um caráter de credibilidade à argumentação. A respeito disso, Cavalcante e Brito (2011) observam que, além de utilizar a citação como um recurso de autoridade, ratificando determinado ponto de vista, o orador tenciona mais ainda usar a técnica argumentativa de sustentar o que se diz por meio da

fala de um enunciador com credibilidade suficiente *no meio em que ocorre a argumentação*. Trata-se, então, do argumento de prestígio.

O articulista continua:

*Por isso ele [Cioran] afirma que desistiu da filosofia quando viu que em Kant não havia nenhuma tristeza. Os filósofos, diz Cioran, quase todos acabam bem, prova máxima contra a honestidade deles.*

Aqui, percebe-se uma oposição entre Cioran e Kant. Tal oposição fica evidenciada quando o orador afirma que Cioran *desistiu da filosofia quando viu que em Kant não havia nenhuma tristeza*. Há, então, dois argumentos de autoridade contrapostos conforme a conveniência argumentativa. Nesse caso, o que importa é a argumentação feita a respeito de cada um dos nomes citados e não as autoridades em si. O modo de apresentar os nomes das autoridades constitui um modelo de persuasão que pressupõe as escolhas feitas pelo articulista com vistas à propagação de sua ideologia e de seu posicionamento.

Prosseguindo, o articulista afirma:

*Sei que Camus considerava o suicídio o único problema filosófico ("O Mito de Sísifo"). E sei também que ele considerava um milagre um momento em que não tivesse que falar de si mesmo (caderno "Esperança do Mundo"). Detalhe: Camus usa expressões como "milagre", conhecia bem teólogos como Blaise Pascal e conceitos como o de "graça", citando-os com precisão.*

Ao iniciar o período com o verbo *saber* em primeira pessoa, o orador constrói o ethos de *conhecedor*. Ademais, nesse excerto, além do próprio filósofo, o orador faz alusão a uma obra (*O mito de Sísifo*) e conceitos como o “suicídio”. No término deste parágrafo, são mencionados conceitos como “milagre” e “graça” que, segundo o articulista, são utilizados por Camus com precisão, já que possuía conhecimento de teólogos como Blaise Pascal. Verifica-se, aqui, a confirmação e consolidação de Camus como autoridade no que se refere ao tema discutido (de ordem filosófica e teológica) por meio da afirmação de seu entendimento sobre os conceitos supracitados, uma vez que era conhecedor de teólogos como Blaise Pascal – outra autoridade reconhecida do universo filosófico. Percebe-se, aqui, o jogo de vozes (estrategicamente selecionadas) que contribuem à sustentação da tese. Poder-se-ia elaborar o seguinte esquema: Blaise Pascal > Albert Camus > Luiz Felipe Pondé.

O autor prossegue dizendo:

*Mas eu suspeito que um dos maiores problemas da filosofia, e certamente um dos maiores milagres na vida, para quem tem um temperamento que desconfia da felicidade (trágico), é justamente o problema que Camus diz "ser um bom título": a esperança do mundo.*

No fragmento acima, percebemos novamente a citação de Camus a fim de embasar a condução argumentativa do artigo – desde o início e perpassando toda a narração.

Na conclusão de seu artigo, o autor emite a seguinte asserção:

*Talvez o próprio Camus dê uma pista neste "Caderno", sendo ele um filósofo, e sabendo, como nós todos, que nós filósofos sofremos da vaidade intelectual como pecado capital. Camus diz que "a obsessão em ter razão é a marca suprema de uma inteligência grosseira". Portanto, talvez, a humildade, virtude capital para Camus, seja a esperança para a filosofia. Ou, como dizia Santo Agostinho, o que falta ao filósofo é chorar.*

Neste excerto, além de trazer o argumento de autoridade por meio de Santo Agostinho – filósofo e teólogo –, personalidade competente no assunto recorrente da argumentação do artigo em análise, o orador ainda traz a citação de Camus "a obsessão em ter razão é a marca suprema de uma inteligência grosseira".

Além disso, nessa etapa final, ele apela ao *pathos* – por meio da sensibilização do auditório – ao dizer que *o que falta ao filósofo é chorar*. A peroração constitui, por excelência, o momento em que a afetividade se une à argumentação, o que constitui a alma da retórica (REBOUL, 2004).

## Conclusão

Mediante a análise apresentada, podemos expor, primeiramente, as seguintes considerações quantitativas:

### ➤ Técnicas argumentativas identificadas:

“Esperança do mundo”	Alusão – Intertextualidade; Analogia; Argumento de autoridade (seis vezes) – Intertextualidade; Citação (sete vezes) – Intertextualidade; Referência (duas vezes) – Intertextualidade.
----------------------	--

➤ **Manifestação do *ethos*:**

- *ethos* de autoridade (em referência ao *ethos* projetivo do articulista, reforçado no próprio exórdio do artigo por meio da enumeração de suas credenciais);
- *ethos* de conhecedor (por meio da forma verbal (saber) Sei que Camus considerava o suicídio o único problema filosófico).

Por meio da análise quantitativa, podemos concluir que, no artigo analisado, além da especialidade do próprio articulista e da posição da qual ele fala – nesse caso, do Jornal *Folha de S.Paulo* –, outras vozes são trazidas ao texto a fim de legitimar a opinião do orador. Ademais, percebemos que, por meio da recorrência da alusão, do argumento de autoridade, da citação e da referência, houve a tentativa de não apenas sustentar a tese defendida, como também de o autor construir a imagem de si como aquele que conhece o assunto sobre o qual se discute: *ethos* de autoridade e *ethos* de conhecedor. Nesse sentido, a intertextualidade se manifestou no texto de forma recorrente e predominante, levando-nos a concluir que tal fenômeno tenha se constituído como o motivo central do artigo selecionado para análise.

## Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2012.

BORGES, A. L. MESQUITA, E. M. C. Artigo de opinião ou outro gênero? **Anais do Silel**. EDUFU: 2011. Disponível em: <[http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011\\_2092.pdf](http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_2092.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2014.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

DAYOUB, K. M. **A ordem das ideias**: palavra, imagem, persuasão: a retórica. Barueri, SP: Manole, 2004.

FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010. (Coleção Linguagem e Ensino).

FOLHA UOL. **Cadernos diários**. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/institucional/cadernos\\_diarios.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/institucional/cadernos_diarios.shtml)>. Acesso em: 04 set. 2014.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MEYER, M. **A retórica**. Tradução de Marli M. Peres. São Paulo: Ática, 2007. (Série Essencial)

\_\_\_\_\_. **Questões de retórica: linguagem, razão e sedução**, Lisboa: Edições 70, 1998.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RODRIGUES, R. H. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin**. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROHDEN, L. **O poder da linguagem: a arte retórica de Aristóteles**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SILVA, R. C. **Argumentação e modalidade: o discurso da incerteza nas questões do desemprego**. In: MOSCA, L. do L. S. (Org.). **Discurso, argumentação e produção de sentido**. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 61-81.

SILVEIRA, Ana Cláudia Ferreira. **A intertextualidade como estratégia argumentativa nos artigos de Luiz Felipe Pondé**. 2014. 116f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

**Anexo – “Esperança do Mundo” (Folha de S.Paulo, 12 maio 2014)**

"Nunca confiei na felicidade", diz o personagem de Robert Duvall no filme "Tender Mercies" ("A Força do Carinho", título brasileiro bem infeliz para o filme), papel com o qual ganhou o Oscar de melhor ator em 1983. O filme narra a derrocada de um cantor de música country e sua sofrida redenção, graças ao amor e generosidade de uma mulher.

No filme, salta aos olhos o deserto do Texas, a solidão de todas as planícies e a total ausência de qualquer metafísica barata, coisa comum hoje no cinema, seja ela moral, psicológica, ambiental ou política. O homem e a mulher são seres abandonados no mundo e devem cuidar de suas vidas porque ninguém mais o fará.

Aliás, por falar em metafísica, a pior é a política. Mas da política trato apenas por obrigação profissional, porque, como diz Albert Camus nos seus "Cadernos" (o primeiro tem como título "Esperança do Mundo"), ouvindo aqueles que se dedicam à política, podemos apenas concluir que as pessoas se importam pouco com esta parte das suas vidas, uma vez que todos na política mentem.

Acrescentaria, além dos políticos profissionais, os intelectuais que a ela se voltam como redenção do mundo e forma de obrigar os outros a viverem de acordo com os delírios que alimentam em seus gabinetes. Enfim, no fundo, a política pouco me interessa. Trato-a assim como quem deve cuidar de uma ferida – do contrário ela se infectará.

Noutro filme, "Alabama Monroe" (2012), do diretor Felix van Groeningen, a personagem feminina Elise, interpretada por Veerle Baetens, diz algo semelhante ao final: "Sempre soube que tudo aquilo não podia durar, porque a felicidade sempre acaba". Referia-se ela ao amor por seu marido Didier e pela pequena filha morta.

Sinto-me em casa quando ouço pessoas dizerem coisas assim. Pois se existem apenas "três ou quatro atitudes diante do mundo", como dizia em seu "Breviário da Decomposição" Emil Cioran, filósofo romeno indispensável para quem suspeita que os trágicos gregos são quem tem razão na filosofia, esta é a minha. E seguramente a dele. E também a de Camus.

Na mesma obra, Cioran faz um diagnóstico preciso: "A obsessão pelos remédios marca o fim de uma civilização, e, pela salvação, o fim da filosofia". Por isso ele afirma que desistiu da filosofia quando viu que em Kant não havia nenhuma tristeza. Os filósofos, diz Cioran, quase todos acabam bem, prova máxima contra a honestidade deles.

Sempre sinto um cheiro de mesquinaria quando ouço alguém falar de uma nova dieta. A vida, talvez seja esta sua maior tragédia, se apequena quando não é de algum modo dada em sacrifício. Talvez seja isso que o cristianismo queira dizer quando afirma que só quando se perde a vida se ganha a vida. E não há saída: somos a civilização da mesquinaria. Até Cristo deve ser saudável.

Sei que Camus considerava o suicídio o único problema filosófico ("O Mito de Sísifo"). E sei também que ele considerava um milagre um momento em que não tivesse que falar de si mesmo (caderno "Esperança do Mundo"). Detalhe: Camus usa expressões como "milagre", conhecia bem teólogos como Blaise Pascal e conceitos como o de "graça", citando-os com precisão.

Mas eu suspeito que um dos maiores problemas da filosofia, e certamente um dos maiores milagres na vida, para quem tem um temperamento que desconfia da felicidade (trágico), é justamente o problema que Camus diz "ser um bom título": a esperança do mundo.

Como ter esperança no mundo sem ter que abdicar da capacidade de vê-lo tal como é? Por isso, sinto um halo de graça quando vejo a esperança visitar o mundo. Afora as ilusões, só a generosidade é capaz de acolher a esperança.

Talvez o próprio Camus dê uma pista neste "Caderno", sendo ele um filósofo, e sabendo, como nós todos, que nós filósofos sofremos da vaidade intelectual como pecado capital. Camus diz que "a obsessão em ter razão é a marca suprema de uma inteligência grosseira". Portanto, talvez, a humildade, virtude capital para Camus, seja a esperança para a filosofia. Ou, como dizia Santo Agostinho, o que falta ao filósofo é chorar.